

ANTONIO PRATA

Trinta e poucos



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Antonio Prata

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Tomaz Vello

Jornal

Folhapress

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Luciane Gomide Varela

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prata, Antonio

Trinta e poucos / Antonio Prata. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2768-9

1. Contos brasileiros 1. Título.

16-04517

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Um escritor! Um escritor!, 9
Recordação, 12
Vespertina tropical, 15
Separação, 18
É pavê..., 21
Não quer dar uma olhada na água?, 24
Vozinha, 27
O engano, 30
A jarra, 33
“Felicidade, sim”, 36
Eu não nasci de óculos, 38
Forrando a própria cova, 41
Expiar, 44
(M?) (H?)otel, 46
Meias, 48
O fim de (quase) tudo, 51
Plano, 54
Sobre heróis e tubas, 57

Abril, maio, junho, 59
Eu, ela e o Keith, 61
Sozinho, 64
Libera a guitarrinha!, 67
Ars procrastinaria, 70
Sapatos, 73
Coleta de material, 76
A gostosa do câmera, 79
Feira de Frankfute, 81
Ficando pra trás, 84
O nariz, 86
Dupla personalidade, 89
Acaju?, 92
K entre nós, 95
Estado de graça, 98
Apolpando, 100
Na maciota, 103
O sustinho, 106
Sobe o pano, 109
Diário, 111
Do chutão, 114
Sua vez, 116
Impressões digitais, 119
Gênesis, revisto e ampliado, 122
Dente por dente, 125
Vini, vidi, perdidi, 128
Nas coxas, 131
Cliente paulista, garçom carioca, 134
Abundância, 136
A fuga do cativo egípcio, 139
Por um fio, 141
O agudo e a crônica, 144

Coisas importantes, 147
Geopolítica do coração, 149
7×1, 151
Íntimos desconhecidos, 153
Estiagem, 156
Charutos e chupetas, 159
Embarque, 161
Meia abdominal, 164
Saída para o mar, 167
2001: Uma odisséia no espaço, 170
Meu reino por uma pamonha, 173
Desmantelo só quer começo, 176
Mexeriqueira em flor, 179
O guarda-chuva, 182
Trinta e quantos?, 185
Ao pé do olvido, 188
Crônica de Natal, 191
Crônica de quatro faces, 194
A metamorfose — com barreiras, 197
Mal-ajambrados, 200
Daniel, 203
Um machado, comida pra gato, 206
Abraçando árvore, 209
Tal pai, tal filho, 212
Dormir é para os fracos, 215
Refogar cebolas, 218
Carta pro Daniel, 221
Indo embora, 224

Um escritor! Um escritor!

Com o jornal numa mão e um guaraná diet na outra, eu caminhava pelas ruas de Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”.

Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói. Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.

Um comissário o encontrou no meio do corredor e o levou apressado até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião. O médico se agachou, tomou o pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com ela, depois falou com a aeromoça. Trouxeram uma caixa de metal, ele deu um comprimido à mulher e, nem dez minutos mais

tarde, voltou pros seus amendoins, sob os olhares admirados de todos. Ou quase: a minha admiração, devo admitir, foi rapidamente fagocitada pela inveja.

Ora, quando a medicina nasceu, com Hipócrates, a história de Gilgamesh já circulava pelo mundo havia mais de dois milênios: desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas — e, no entanto... No entanto, caros leitores, quem aí já ouviu uma aερομοça pedir, ansiosa: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um escritor a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”?

Eu não me abalaria. Fecharia o jornal sem afobação, poria uma Bic e um guardanapo no bolso, iria até a senhora gorducha e me agacharia ao seu lado. Conversaríamos baixinho. Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar o filho, depois de dez anos brigados: queria falar alguma coisa bonita pra ele, mas não era boa com as palavras. Eu faria uma rápida anamnese: perguntaria os motivos da briga, o nome do filho, se ele tava mais pra Chet Baker ou pra Sylvester Stallone, levantaria recordações prazerosas da relação, pinçaria um ou dois versos do Drummond — ou do Raul, a depender do gosto do cliente — e, antes de tocarmos o solo, entregaria à mulher três parágrafos capazes de verter lágrimas até da estátua do Borba Gato.

De volta ao meu lugar, passageiros me cumprimentariam e compartilhariam histórias semelhantes. Uma jovem mãe me contaria do primo poeta que, ao ouvir os apelos do garçom, num restaurante — “Um escritor, pelo amor de Deus, um escritor!” —, tinha sido levado até um rapaz apaixonado e conseguido escrever seu pedido de casamento no cartão de um buquê antes que a futura noiva voltasse do banheiro. Um senhor comentaria o caso muito conhecido do romancista que, num cruzeiro, após as súplicas de três mil turistas, fora capaz de convencer duzentos

tripulantes a abandonar o gerúndio. Eu sorriria, de leve. Diria “Pois é, se você escolheu essa profissão, tem que tá preparado pra emergências”, então recusaria educadamente o saquinho de amendoins que a vizinha de poltrona me ofereceria e voltaria pras bombas da Crimeia, com meu copo de guaraná.

Recordação

“Hoje a gente ia fazer vinte e cinco anos de casado”, ele disse, me olhando pelo retrovisor. Fiquei sem reação: tinha pegado o táxi na Nove de Julho, o trânsito estava ruim, levamos meia hora pra percorrer a Faria Lima e chegar à rua dos Pinheiros, tudo no mais asséptico silêncio. Aí, então, ele me encara pelo espelhinho e, como se fosse a continuação de uma longa conversa, solta essa: “Hoje a gente ia fazer vinte e cinco anos de casado”.

Meu espanto não durou muito, pois ele logo emendou: “Nunca vou esquecer: 1º de junho de 1988. A gente se conheceu num barzinho lá em Santos e dali pra frente nunca ficou um dia sem se falar! Até que cinco anos atrás... Fazer o quê, né? Se Deus quis assim...”.

Houve um breve silêncio, enquanto ultrapassávamos um caminhão de lixo, e consegui encaixar um “Sinto muito”. “Brigado. No começo foi complicado, agora tô me acostumando. Mas sabe que que é mais difícil? Não ter foto dela.” “Cê não tem nenhuma?” “Não, tenho foto, sim, eu até fiz um álbum, mas não tem foto dela fazendo as coisas dela, entendeu? Tipo: tem ela

no casamento da nossa mais velha, toda arrumada. Mas ela não era daquele jeito, com penteado, com vestido. Sabe o jeito que eu mais lembro dela? De avental. Só que toda vez que tinha almoço lá em casa, festa e alguém aparecia com uma câmera na cozinha, ela tirava correndo o avental, ia arrumar o cabelo, até ficar de um jeito que não era ela. Tenho pensado muito nisso aí, das fotos, falo com os passageiros e tal e descobri que é assim, é do ser humano mesmo. A pessoa, olha só, a pessoa trabalha todo dia numa firma, vamos dizer, todo dia ela vai lá e nunca tira uma foto da portaria, do bebedor, do banheiro, desses lugares que ela fica o tempo inteiro. Aí, num fim de semana ela vai pra uma praia qualquer, leva a câmera, o celular e tchuf, tchuf, tchuf. Não faz sentido, pra que que a pessoa quer gravar as coisas que não são da vida dela e as coisas que são, não? Tá acompanhando? Não tenho uma foto da minha esposa no sofá, assistindo novela, mas tem uma dela no jet ski do meu cunhado, lá na represa de Guarapiranga. Entro aqui na Joaquim?” “Isso.”

“Ano passado me deu uma agonia, uma saudade, peguei o álbum, só tinha aqueles retratos de casório, de viagem, do jet ski, sabe o que eu fiz? Fui pra Santos. Sei lá, quis voltar naquele bar onde a gente se conheceu.” “E aí?!” “Aí que o bar tinha fechado em 94, mas o proprietário, um senhor de idade, ainda morava no imóvel. Eu expliquei a minha história, ele falou: ‘Entra’. Foi lá num armário, trouxe uma caixa de sapatos e disse: ‘É tudo foto do bar, pode escolher uma, leva de recordação.’”

Paramos num farol. Ele tirou a carteira do bolso, pegou a foto e me deu: umas cinquenta pessoas pelas mesas, mais umas tantas no balcão. “Olha a data aí no cantinho, embaixo.” “Primeiro de junho de 1988?” “Pois é. Quando eu peguei essa foto e vi a data, nem acreditei, corri o olho pelas mesas, vendo se achava nós aí no meio, mas não. Todo dia eu olho essa foto e fico danado, pensando: será que a gente ainda vai chegar ou será que a

gente já foi embora? Vou morrer com essa dúvida. De qualquer forma, taí o testemunho: foi nesse lugar, nesse dia, tá fazendo vinte e cinco anos hoje, hoje, rapaz. Ali do lado da banca, tá bom pra você?”

Vespertina tropical

Tendo acabado de criar o firmamento, as águas e os continentes, o luzeiro maior para governar o dia e o menor para governar a noite, o homem, a mulher, a zebra, as orquídeas, os elétrons, o umbu e a neblina, Deus quis dar um último toque em Sua obra: num arroubo de lirismo, lá pelas 17h54 do sexto dia, pintou a aurora boreal. É, de fato, um troço estupendo: mais bonito que o pôr do sol, mais improvável que a girafa, mais grandioso que o relâmpago. Era pra ser o ápice da criação, a maior atração da Terra, diante da qual casais em lua de mel deixariam cair os queixos, japoneses ergueriam as câmeras e mochileiros bateriam palmas, contentes por terem nascido neste planeta abençoado e multicolor — mas infelizmente, como se sabe, a aurora boreal não pegou.

Claro: é longe, é raro e é muito cedo, como esses shows incríveis marcados pra domingo de manhã, no Parque do Carmo. Imagina se a aurora boreal fosse nos trópicos, todo dia, seis e meia da tarde? O sujeito tá num táxi na avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, olha pro lado, o céu todo verde e amarelo e laranja e

roxo, saca o celular, faz um selfie, posta “#vespertinatropical!!!” e segue pra casa, satisfeito. Mas não, é pra lá da Groenlândia, 4:30 a.m., ninguém sabe quando: aí, não adianta reclamar que o público é ignorante e prefere a caretice hollywoodiana e açucarada de um arco-íris.

Fosse só a aurora boreal, beleza, mas a natureza tá cheia de desarranjos semelhantes. Não surpreende: ela foi criada há milhões de anos, nunca passou por uma revisão e ainda é administrada pelo fundador. Se eu fosse Javé, chamava uma dessas consultorias especializadas em fazer a transição de empresas familiares pra organizações, digamos, mais competitivas, e dava um choque de gestão. Nem precisa gastar muito, basta alocar melhor os recursos.

Olha os cometas, por exemplo. Tudo espalhado por aí, nos visitam só a cada setenta, cem anos, às vezes chegam de lado, outras vezes de dia, ninguém vê, baita desperdício de energia. Por que não otimizar essas órbitas? Fazer com que venham cinco, dez ao mesmo tempo na noite de Réveillon, proporcionando uma espécie de queima de fogos global à nossa sofrida humanidade?

A gravidade é outro assunto que merece uma calibrada: tem que ser mesmo $9,8 \text{ m/s}^2$? Por quê? Como Deus chegou a esse número? Gostaria que Ele abrisse as planilhas pra entendermos se cada m/s^2 é realmente necessário. Com metade dessa atração nós continuaríamos colados ao chão e seria muito mais agradável se locomover por aí. O mínimo que o Senhor poderia fazer era dar uma amainada de dezembro a março: imagina que alívio encarar esse calorão com 25% menos esforço, durante a “Gravidade de Verão”. Sem falar, óbvio, em 50% pra grávidas, idosos e cadeirantes.

Não tenho dúvida de que o Todo-Poderoso resistirá a essas e outras reformas. Criar o Universo é o tipo da coisa que infla

um pouco o ego do sujeito, mas seria bom se Ele se animasse a colocar o mundo nos eixos — literalmente: já repararam como a Terra gira toda torta, envergada como um frei Damião?

Se meu pacote de sugestões não puder convencê-Lo pelo bom senso, quem sabe ao menos uma parte cutuque a Sua vaidade? Ora, El Shaddai, a aurora boreal é um negócio tão lindo, tão grandioso, tão divino, não é justo que siga sendo exibida, ano após ano, apenas para os ursos-polares, as focas e a Björk, não acha, não?

Separação

O rio tinha uns trinta metros de largura e descia forte pelo meio da mata, preto como coca-cola, indo desaguar cinquenta ou setenta metros abaixo, na praia. Do bar, vimos tudo: o homem passar por nós com a vaca, ir até a margem e assoviar pro canoeiro, lá do outro lado. Enquanto o menino magrelo vinha remando, de pé, tentamos afastar a improvável suposição: “Não, não é possível, eles não vão tentar uma coisa dessas”, mas aí o rapazinho botou a canoa na areia, puxou a vaca pelas orelhas e você me olhou, aflita.

A vaca se recusava a embarcar: tirava a cabeça das mãos do canoeiro ao mesmo tempo que rebojava, se desvencilhando com uma eficiência desengonçada dos empurrões do dono e dos outros homens que surgiram pra ajudar. Eu tentei te tranquilizar: “Eles devem fazer isso todo dia. Como você acha que a vaca veio? Aqui, só chega de canoa”, mas você não pareceu muito convencida e fechou a cara, solidária à vaca.

Eu pedi mais uma cerveja e você me olhou feio, como se fosse um ato de suprema insensibilidade continuar a beber en-

quanto, a poucos metros dali, o bicho passava pelo aperto. O que você queria que eu fizesse? Proibisse os homens de fazer o traslado? Enfrentasse seus remos e peixeiras brandindo meu iPhone, com as normas internacionais do transporte hídrico de vacunos?

Depois de uns minutos, os homens finalmente conseguiram levantar os cascos dianteiros da vaca e o magrelo deslizou a canoa por baixo. Então, fizeram o mesmo com as pernas de trás. Quando empurraram a canoa pro rio, você levantou, eu disse “esquece, senta aqui”, mas você foi até lá. Eu fui atrás. Ficamos na margem, assistindo. Você fazendo não e não com a cabeça e repetindo “que absurdo!”, “que absurdo!”, e eu ensaiando um carinho no seu ombro.

O magrelo remava furiosamente, mas a canoa ia mais rápido em direção ao mar do que à outra margem. Da terra, homens gritavam instruções, como torcedores de futebol agarrados ao alambrado do estádio — e ali ficou claro pra mim que nenhum deles jamais havia atravessado uma vaca na canoa.

Quando o magrelo e a vaca chegaram no meio do rio, onde a água era mais turbulenta, a vaca se apavorou, começou a dar uns pinotes, o garoto tentou contrabalançar alternando o peso nos pés, mas não teve jeito, a canoa virou. No que afundaram, eu pensei que era o fim da vaca. Um bicho tão pesado, pernas finas, não deve saber nadar. Bom, se não sabia, aprendeu bem rápido, pois, uns metros adiante, eis que surge a cabeça e logo o garoto ao seu lado, batendo as pernas e tentando empurrá-la pra terra, pelo pescoço.

Foi uma correria danada, alguém foi buscar outra canoa não sei onde, falou-se em cordas e câmaras de pneu, mas não houve tempo. O rio descia forte, em menos de um minuto a vaca já tava no mar, tinha passado a arrebentação e continuava sua jornada rumo à África, à Oceania, ao céu ou ao inferno dos zebus — vai saber se eles não têm lá suas alminhas, também, diluídas naquele corpão?

Uma semana depois, já em São Paulo, quando você falou sobre o momento que estava vivendo, a vontade de ficar um pouco sozinha e tudo mais, eu ouvi calado e aceitei. Os dois sabemos, contudo, que a relação tinha ido embora sete dias antes, enquanto contemplávamos os olhões assustados da vaca, cada vez mais longe, mar adentro.